
EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA CONTEMPORANEIDADE: PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES

Kiusam de Oliveira¹
Mariana Fernandes dos Santos²
Yuri Miguel Macedo³

A produção da ciência efetivada na academia com as práticas referenciadas nas matrizes culturais africanas e afro-brasileiras, historicamente negadas e invisibilizadas por esse/nesse lugar, estabelece a relação entre ciência, tecnologia, sociedade e meio ambiente. O principal resultado deste dossiê foi o estreitamento e interdisciplinaridade dos laços com os saberes que circulam nossa constituição como sujeitos sociais, dando voz a essas produções e alargando o espaço da cosmogonia professada pelo povo negro.

Reiteramos que, mesmo após 15 anos da promulgação da Lei nº 10.639 em 2003, vê-se que ainda existe um processo de racismo institucionalizado, e a Educação para as Relações Étnico-Raciais em sua concepção traz a necessidade de uma reflexão das práticas e saberes para sua verdadeira aplicabilidade para redução dessa desigualdade que assola o território brasileiro. Para tanto, esse dossiê com pesquisadoras/es, nos trazem seus estudos, contribuindo para a divulgação de conhecimentos produzidos nessa área temática, e principalmente que tenham relações com a Lei nº 10.639/2003, em sua efetivação.

Iniciamos o presente dossiê com o artigo “DIGA-ME COMO FALAS, E EU TE DIREIS QUEM ÉS?”, dos pesquisadores *Marcelo Nascimento Dias* (*Universidade do Estado da Bahia*) e *Richard Santos* (*Universidade Federal do Sul da Bahia*), que nos leva a refletir sobre o processo de ensino e de aprendizagem em Língua Portuguesa no Ensino Médio, para a Educação para as Relações Étnico-Raciais, apoiando-se teoricamente em Deleuze e Foucault.

Seguindo pelo viés da psicologia social, as autoras *Dalila França*, *Rozélia dos Anjos Oliveira Santos* e *Kelyane Oliveira de Sousa* da Universidade Federal de Sergipe traz o texto “ESTRATÉGIAS

¹ Professora na Universidade Federal do Espírito Santo, na disciplina de Educação das Relações Étnico-Raciais. Doutora em Educação e Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Pedagoga habilitada em Orientação Educacional, Administração Escolar e Deficiência Intelectual. Escritora. Artista multimídia. Arte-educadora. Bailarina e coreógrafa. Contadora de histórias da mitologia afro-brasileira.

² Doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA). Mestre em Estudo de Linguagens (UNEB). Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (FACSA-BA). Especialista em Educação a Distância (UNEB). Possui graduação em Letras-Vernáculas (UNEB). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA).

³ Professor Pesquisador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Espírito Santo (Neab/UFES), Professor no Programa de Pós-Graduação Lato Sensu Formação de Professores em Letras-Libras na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED).

DE COMBATE AO PRECONCEITO”, para o enfrentamento no combate do preconceito racial e a intolerância, por uma lógica com estratégias Multicultural e do Contra Estereótipo.

Com o intuito de analisar a implementação dos conteúdos referentes à História e Cultura afro-brasileira e africana e à Educação para Relações Étnico-raciais nos currículos dos cursos de Licenciatura da área de Ciências Humanas das Instituições Federais Públicas de Ensino Superior da região do Centro-Oeste, no lapso temporal de 2003 a 2017, apresentamos o texto, “ALGUÉM SABE? ALGUÉM VIU? QUAL O LUGAR DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NOS CURSOS DE LICENCIATURA NA REGIÃO DO CENTRO-OESTE?”, das autoras **Cíntia Santos Diallo e Claudia Lima de Araújo** ambas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

O texto “PENSAMENTOS E INTELECTUAIS NEGROS(AS) DA APNB - ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES(AS) NEGROS(AS) DA BAHIA: NARRATIVAS INSURGENTES E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA” escrita de **Gustavo Firmina** da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nos leva a matutar sobre a importância da APNB enquanto local de encontro que produz microrresistências, em que articulam táticas e disputas no campo da memória e da produção para uma educação antirracista, apoiado teoricamente na perspectiva dialógica de Bakhtin.

Seguindo por um viés interseccional, a autora **Isis Tomas da Silva** da Universidade Estadual de Ponta Grossa, em seu texto traz à luz o caráter histórico da condição do negro no Brasil e seu acesso aos bens sociais, tal qual a educação e o mercado de trabalho pelo qual intitulou de, “O NEGRO NO BRASIL: EDUCAÇÃO E TRABALHO PÓS-ESCRavidão POR UM VIÉS MARXISTA”

Tendo como premissa, que o ensino superior foi pensado e arquitetado enquanto um ensino para a elite brasileira, a pesquisadora **Vanessa Oliveira de Azevedo** servidora da Universidade Federal do Espírito Santo e doutoranda da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em seu texto, “MARCOS CONSTITUINTE DAS UNIVERSIDADES: DIÁLOGO COM AS QUESTÕES SOCIAIS E ÉTNICO-RACIAIS”, nos mostra exatamente esse processo histórico e social.

O próximo texto, intitulado, “TEM GENTE MARROM, E TEM QUEM É COR DE PELE”: RELAÇÃO ENTRE PARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL”, da autora **Karina de Oliveira Santos Cordeiro**, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, busca em sua essência analisar as construções identitárias das crianças negras na idade de 4 a 6 anos.O

presente texto nos ajuda a compreender como ocorrem as primeiras experiências de socializações interpessoais sobre as relações étnicas-raciais por meio da cultura de pares.

Laroyê! Mojubá! O texto “EXU, SENHOR DAS HISTÓRIAS: UMA PROPOSTA DECOLONIAL DE EDUCAÇÃO”, sob autoria de *Isadora Souza da Silva e Maria Cristina Marques*, ambas da Uerj - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, analisa os dilemas enfrentados por aqueles que lidam com a educação, especialmente, na aplicabilidade da Lei nº 10.639/2003, quando tocante na temática da mitologia de deuses africanos e as autoras trazem a possibilidade que as religiosidades de matriz africana, como também as histórias em que exu tem o papel de protagonista, sejam respeitadas e entendidas pelas futuras gerações.

As “ROTAS DE FUGA DELEUZEANAS COMO ESTRATÉGIA DECOLONIAL NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NO BRASIL” remete a refletir sobre a racialidade e sua permanência nos discursos estabelecidos como verdades, principalmente no epistemicídio que perdura até os dias atuais condenando as línguas, histórias e culturas de negros e indígenas à marginalidade, texto de uma bela reflexão de *Ana Caroline da Silva Santos e Lidiane Maria Ferreira de Souza* ambas da Universidade Federal do Sul da Bahia.

Tratando das problemáticas Racismo e Conservadorismo, o autor *Marcus Eugênio Oliveira Lima* da Universidade Federal de Sergipe, nos traz o texto, “O QUE HÁ DE NOVO NO "NOVO" RACISMO DO BRASIL”, que enuncia sobre a problemática do desvelamento do racismo que ora está demarcado na política, instituições sociais e demais setores privados e públicos, em que a psicologia social das relações intergrupais, é a perspectiva para a tal análise.

Por fim, este dossiê cumpre a função de provocar e demarcar a educação para o respeito às diferenças nos diversos espaços em que se faz educação, contrapondo as perspectivas essencialistas e universalizantes, que preconizam a produção do conhecimento branco e eurocêntrico, que silenciam e apagam toda ancestralidade de quem de fato veio primeiro e construiu a história do mundo.

É fortalecer uma outra narrativa, outro discurso, outra história!!!!

Aláfia!

Modupè